

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA INTERDISCIPLINAR NA UFBA: O CASO DA GESTÃO DE EVENTOS COMO INSTRUMENTO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Ana Cristina Muniz Décia - UFBA

anadecia@uol.com.br

Resumo: Este artigo relata a implantação de uma Atividade Curricular em Comunidade oferecida como extensão interdisciplinar na UFBA/PROEXT no curso de Secretariado. O objetivo é discutir a gestão de eventos como instrumento de mobilização social. A pesquisa colaborativa norteou os caminhos metodológicos, bem como o diálogo interdisciplinar entre o campo do Secretariado, outras áreas de conhecimento e a gestão comunitária. Os resultados são novos significados na formação do estudante, na atuação dos atores das comunidades envolvidas e na prática docente a partir da compreensão dos problemas sociais.

Palavras-chave: extensão universitária; gestão de eventos; mobilização social.

SITUANDO O INTENSO COMEÇO

O presente artigo enquadra-se na linha de relato de experiência. E visa a apresentar a atividade acadêmica de extensão curricular desenvolvida em duas comunidades pobres de Salvador/BA. Sob a denominação de Atividade Curricular em Comunidade (ACC), a ação em questão integra o conjunto de componentes curriculares ofertados pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo sua implementação a cargo da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da UFBA.

A ACC começou com um caráter experimental e “a partir de 2003 passou a constituir um programa permanente de integração efetiva entre ensino/pesquisa e sociedade”, definindo-se como uma experiência educativa, cultural e científica, desenvolvida no âmbito da graduação por professores e estudantes da UFBA, em parceria com grupos comunitários. Sua matriz se localiza no Programa UFBA em Campo, iniciado em 1997 (UFBA, 2007; UFBA, 2001). A atividade caracteriza-se como um componente curricular de natureza complementar optativa, com carga de 68 horas e 4 créditos, que permite ressignificar a concepção de formação acadêmica na graduação a partir da troca de saberes entre a população beneficiada com a intervenção e a comunidade universitária.

Embora a universidade sustente o discurso da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Mesquita, 2006) e a LDB 9.394/96 também reforce sua importância, ainda se verifica essa dissociação em algumas áreas, a exemplo do curso de Secretariado Executivo da UFBA. Este curso de Secretariado é o primeiro criado no Brasil, funciona em uma unidade de

ensino considerada de excelência, a Escola de Administração da UFBA, além de a profissão ser regulamentada por lei desde 1985 (Leis 7.377/85 e Lei 9.261/90). Contudo, perpetuou-se por mais de 35 anos sem a existência de políticas efetivas para integrar essas três dimensões tidas como indissociáveis e que promoveriam seguramente avanços na formação. Situações como essa preocupam porque contribuem para a precarização da formação superior e afeta a auto-estima dos estudantes e profissionais da área (DÉCIA, 2005).

As mudanças internas no contexto do Secretariado Executivo da UFBA começam a materializarem-se no ano de 2006 quando ingressa nova docente para o curso, em regime de dedicação exclusiva, lotada no Departamento de Sistemas e Processos Gerenciais (DSPG) da Escola de Administração da UFBA onde também seria eleita para a vice-coordenação do Colegiado do Curso de Secretariado. Esse fato marca o reconhecimento da necessidade de uma política interna para inclusão da graduação de Secretariado Executivo na extensão e na pesquisa, o que logo é abraçado docente pela recém-ingressa.

Toma-se como objeto deste relato a gestão de eventos como instrumento de mobilização social como um caminho para um diálogo entre universidade e comunidade. O objetivo é descrever criticamente o processo de integração resultante da implantação da 1ª ACC criada no curso de Secretariado Executivo da UFBA, oferecida pelo DSPG. Para tanto, destacam-se o seu percurso e os principais resultados durante o 1º e 2º semestres de 2008.

A metodologia utilizada para a sistematização deste trabalho tem base nas experiências vividas nas comunidades; nas fontes primárias: relatórios produzidos pelos estudantes participantes; nas avaliações da equipe (professora, monitora e estudantes); e em fontes secundárias: literatura especializada e documentos institucionais consultados.

O texto está estruturado por: uma introdução onde se apresenta o objeto do relato em sua origem; em seguida, é descrita a gênese da gestão de eventos como instrumento de mobilização social. Passe-se, então, à experiência-piloto numa creche-escola e na seqüência ao relato da experiência ressignificada na Escola Aberta do Calabar. A análise da experiência nas duas comunidades converge para uma reflexão acerca da metodologia de trabalho e da operatividade dos três pilares que sustentam sua matriz teórico-metodológica como estruturantes da proposta, a qual concebe o evento como instrumento de mobilização social, capaz de produzir mudanças efetivas para os envolvidos. A penúltima seção apresenta os resultados alcançados com a experiência. E por fim, as conclusões.

A GÊNESE DA GESTÃO DE EVENTOS COMO INSTRUMENTO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL

O primeiro passo rumo à extensão universitária no curso de Secretariado Executivo da UFBA foi dado em maio de 2006 na primeira visita da Profa. M.Sc. Ana Cristina M. Décia à sede da PROEXT, ainda no bairro do Garcia, em busca de orientação sobre os seus trâmites e requisitos. Seguiu-se o desenvolvimento de um projeto de intervenção no componente complementar obrigatório, Gestão Secretarial II (ADM245), de autoria de Íris Gomes e Quele Coutinho sob sua orientação, que propunha a criação da 1ª ACC do Curso de Secretariado Executivo da UFBA. Após os contatos com a então coordenadora da ACC/PROEXT, a Profa. Dra. Heloniza Costa, houve ingresso da docente no Núcleo Gestor da ACC, participação na Oficina “Repensando a ACC” em 2006, dentre outros.

Merece destaque o apoio da Coordenação da ACC e dos Professores Ney, David e Rilmir das áreas de educação física, dança e arte-educação, respectivamente. Estes, além da troca de experiências, abriram vagas a estudantes de Secretariado em suas ACCs. A participação como docente na ACC - Cultura Corporal e Meio Ambiente em 2006.2 do Prof. Ney Santos deu uma base fundamental para que Secretariado empreendesse seu projeto com mais convicção.

Ao fim de dois anos de muito trabalho, estudo, greve de servidores, e muitas parcerias havia as condições para a concretização da 1ª ACC proposta pelo Curso de Secretariado Executivo da UFBA: a ACC ADM455 – “Gestão de Eventos na Educação Comunitária: o Evento como Instrumento de Mobilização Social, a ser desenvolvida numa creche-escola comunitária.

A EXPERIÊNCIA-PILOTO NUMA CRECHE-ESCOLA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Após o processo de seleção de estudantes e monitor, realizado pela Profa. Karine Freitas, cuja parceria foi fundamental para o trabalho, a ACC ADM 455 teve início em abril de 2008 na Creche-Escola Criança Feliz, localizada no bairro do Pau da Lima, na periferia de Salvador/BA. Atendendo crianças em situação de vulnerabilidade psicossocioeconômica, além de falta de infra-estrutura sociopedagógica, tinha dificuldade na comunicação com outros organismos de apoio e com os familiares das crianças. Sua equipe era composta, basicamente, de duas voluntárias e duas dirigentes, sem apoios institucionais fixos.

Em entrevista uma das gestoras desabafou: “alguns pais veem a instituição como um depósito para colocar a criança antes de ir para o trabalho”. Essa informação sugeria uma

possível falha de comunicação sobre o papel da creche, dos pais e como mobilizá-los para uma parceria mais efetiva. Esse foi o ponto de partida para a elaboração da proposta de um evento para mobilizar os pais ou responsáveis quanto à sua responsabilidade na melhoria das condições materiais e simbólicas da instituição, além do objeto de intervenção extensionista da ACC. Como desdobramento, houve a projeção de uma imagem favorável da creche entre os interessados, cujo envolvimento minimizaria o problema diagnosticado.

A equipe da ACC era composta de docente-coordenadora e convidada, monitora e quatro estudantes regularmente matriculados, tendo um deles desligado-se no decorrer do semestre. Devido ao atraso na abertura da matrícula, o requisito da interdisciplinaridade e número reduzido de estudantes não foram exigidos nesta primeira experiência. Mas a 1ª visita ao local já mobilizava o grupo da ACC, impulsionado pelas leituras sagazes de uma das estudantes sobre mobilização, democracia, levando o curso de Secretariado a se colocar em um novo lugar, tendo como objeto de conhecimento não o cotidiano das organizações e chefias apressadas, das técnicas secretariais impecáveis, mas em um bairro periférico, permeado de carência, violência, inocência e solidariedade. E nós, professores e universitários, o que tínhamos a ver com tudo aquilo?

Compartilhamos do pensamento de Toro e Werneck (2007, p. 89), entendendo que, “a mobilização se concretiza quando os gestos, as crenças e as informações se consolidam, se propagam, se multiplicam e geram ações que concorrem diretamente para os objetivos, em função dos quais está sendo proposta a mobilização”. Para esses autores a mobilização precisaria começar internamente. E um desafio imediato se deu quando a monitora adoecera e teria de estar ausente por um mês. Como selecionar outra monitora àquela altura sem comprometer o trabalho? Felizmente aquela estudante tão envolvida com a experiência da extensão e da mobilização não deixou dúvida ao grupo de que ela seria a nova monitora. Seu nível de compromisso foi proporcional ao seu aprendizado, de modo que a monitora Poliana Prates Neves se tornaria mais tarde uma referência na ACC de Secretariado da UFBA.

No transcurso do trabalho surgem as possibilidades de ação na creche-escola e também se ampliavam os espaços para a formação crítica ao trabalhar conhecimentos da gestão de eventos numa nova ótica, a partir da convivência com o diferente, do fazer conjunto, do fortalecimento dos vínculos universidade-comunidade.

As principais atividades realizadas foram: a) 1º Dia de Campo quando o grupo se deslocou da Escola de Administração para conhecer a creche onde as crianças eram assistidas e obter informações da equipe responsável sobre as principais questões; 2) Oficina de Artes

proposta pela Profa. Karine Freitas como forma de sensibilizar os estudantes e professores para as suas potencialidades e ao mesmo tempo decorar o espaço físico da creche; 3) o evento-chave, denominado Café da Independência, realizado dia 02 de julho de 2008 com o fim de gerar integração, lazer e aproximação de pais e responsáveis, sensibilizando-os para as necessidades da creche e a contribuição de todos de acordo com suas possibilidades (ACC, 2008).

Conceber e realizar um evento sem os recursos essenciais, com um grupo de cerca seis pessoas era apenas um dos desafios a superar, uma vez que os recursos financeiros não foram disponibilizados a tempo pela ACC/PROEXT/UFBA e o evento precisava acontecer.

A aprendizagem adquirida fez com que se alçassem vôos mais altos para o semestre seguinte. A Profa. Dra. Tereza Oliveira, que já atuava como colaboradora voluntária em uma escola comunitária, convidou a Profa. Ana Décia e a monitora Poliana Prates a visitarem essa escola que permitiria realizar um trabalho de mobilização ainda mais desafiador. A instituição conheceu a proposta e de pronto a aceitou, autorizando sua submissão à PROEXT/UFBA para o semestre 2008.2. O projeto foi bem acolhido na UFBA pela representação que tem a instituição escolhida, a Escola Aberta do Calabar.

A EXPERIÊNCIA RESSIGNIFICADA NA ESCOLA ABERTA DO CALABAR

A Escola Aberta do Calabar (EAC) é uma escola comunitária com mais de 25 anos e marcada pela mobilização social da sua comunidade, situada, no bairro do Calabar, em região central de Salvador/BA, cuja marca não se restringe à mobilização, manifestações socioculturais, mas também à pobreza e à violência acirradas pelos altos índices de desemprego e criminalidade da região (ACC, 2008).

O projeto da ACC ADM 455 ajustado à nova realidade consistia de colocar o evento a serviço da ressocialização da EAC consigo mesma, com familiares e vizinhos, atendendo demanda interna da escola. O projeto desta vez contou com equipe multidisciplinar de nove estudantes (Ciências Naturais, Design Gráfico, Psicologia, Secretariado Executivo, Sociologia); e a coordenação contou com docente-coordenadora e monitora, e a colaboração da Profa. Dra. Tereza Oliveira nos elementos básicos de obtenção e registro de dados. A presença de um estudante norteamericano da Universidade do Texas, que não possuía domínio da língua portuguesa, desafiou o grupo a ampliar as habilidades de comunicação e convivência com o diferente, facilitado por sua disposição de aprender e participar. A gestão,

execução e avaliação nas ações realizadas privilegiaram aquelas que permitiriam exercitar os 3 pilares desta ACC: 1) planejamento e execução do evento; 2) mobilização dos atores envolvidos; e 3) sistematização da experiência/comunicação científica. Esses pilares visam preencher a lacuna da integração entre ensino, pesquisa e extensão já assinalada e serão retomados na metodologia (ACC, 2008).

Nesse sentido duas importantes demandas vão marcar a ação neste semestre: o subsídio teórico-metodológico aos alunos para fundamentar reflexão, a ação e sua sistematização; e a mediação dialógica por parte da coordenação com as gestoras e docentes da EAC para acessar o conhecimento que detém sobre sua realidade e negociar as formas de intervenção, uma vez que o “grupo se encontra em terras estrangeiras”. Estar estrangeiro equivaleria a indagar o que um grupo de jovens estudantes das diversas áreas e uma professora da universidade teria a “ensinar” a um professoras e gestoras experientes e militantes, comprometidas com sua causa há quase três décadas?

Após discussões nas tardes de terças-feiras na Escola de Administração e algumas idas a campo, a gincana foi aprovada pelas professoras e gestoras da EAC como o evento mais adequado para congregar as crianças atendidas, envolver a circunvizinhança e propiciar uma primeira intervenção internamente. A ação para familiares e comunidade local seria pensada posteriormente.

As principais atividades realizadas na EAC foram: a) apresentação de Seminários temáticos na Escola de Administração da UFBA sobre extensão universitária, educação comunitária, eventos, marco lógico, projetos de eventos; b) Evento 1: “Tô me vendo”, destinado a integração do público interno; c) Evento 2: Gincana “A Escola Aberta é Nossa”, para o público interno e comunidade adjacente como forma de voltar o olhar para a escola; d) Entrega de relatórios individuais de estudantes e monitor; e) Avaliação da ACC na perspectiva acadêmica e processual incluindo a avaliação das professoras e gestoras da EAC (ACC, 2008).

Compatibilizar as diferentes percepções sobre a realidade que envolvia os estudantes e a professora da ACC e os professores da EAC com diferentes níveis socioculturais, credos religiosos, estágios de amadurecimento, com as expectativas e rigor da equipe de coordenação da ACC no tocante ao processo formal junto a PROEXT/UFBA além dos anseios ideológicos, acadêmicos não fora uma tarefa fácil. Novos e velhos desafios surgiram como: não saber dimensionar as atividades para cada faixa etária; não dispor dos recursos financeiros no tempo previsto para realizar o evento conforme planejado; o não cumprimento das ações previstas no

check list por parte dos estudantes em virtude das atividades extrapolarem os horários dos encontros semanais na UFBA; enfrentar ruídos na comunicação entre membros da ACC e da EAC. Outro fator desconcertante para o grupo ACC foi sustentar uma proposta participativa para ambos os públicos sem que isto parecesse uma imposição, mas um convite à colaboração por parte da EAC.

Todos esses elementos serviram de base para as sessões de *feedback*, para o crescimento e aprimoramento do processo para o ano seguinte quando poderíamos sair da condição de “estrangeiros” e passar a ser uma equipe que conjuntamente construiria uma ação na escola para atender objetivos de ambos os públicos, escola e universidade.

METODOLOGIA DE TRABALHO PARA O ACONTECER DOS 3 PILARES

A metodologia da ACC configurou-se a partir de três blocos de atividades.

No primeiro bloco foram contemplados: o ensino acadêmico ocorrido na universidade com a adoção de estudos de textos, apresentações de seminários e entrega de relatórios; a extensão pautada na ação mobilizadora, pedagógica e de intervenção para resolução dos problemas reconhecidos, constituía-se de oficinas, reuniões, concepção, realização conjunta dos eventos comunitários; a sistematização da experiência em campo teve a adoção de procedimentos de obtenção de dados como depoimentos e entrevistas, procedimentos de registro como diário de campo, protocolo e o uso de correio eletrônico para troca de informações; e a produção de textos com projetos e relatórios, os quais culminavam finalmente na avaliação processual da experiência.

O segundo bloco consistiu de breves rodadas de grupo operativo (Gayotto, 2001) ao promover o desvendamento dos obstáculos implícitos às tarefas explícitas e ao considerar conceitos de processo grupal da técnica de grupo operativo desenvolvida por Pichon Rivière, além de manter o *feedback* imediato a partir do diálogo franco e respeitoso entre coordenação e estudantes, além de fomentar a tomada de decisão compartilhada, a autonomia nos papéis assumidos e atribuídos e a co-coordenação entre professor e monitor; e

O terceiro bloco caracterizou-se por operar a abordagem da pesquisa colaborativa (Ibiapina, 2008) ao compartilhar saberes construídos antes e ao longo do projeto, incluindo o marco lógico (Armani, 2004), envolvendo todos os participantes na produção de conhecimentos e nas ações/decisões permitindo ampliar criticamente as formações de cada um. Um exemplo é a avaliação em onde a equipe ACC e os gestores da comunidade avaliam e

são avaliados em suas atuações e na construção coletiva e no desenvolvimento da proposta apresentada no primeiro dia do encontro. Essa forma colaborativa vem uma via para garantir a autonomia dos estudantes da ACC bem como na comunidade.

Nesse sentido, acredita-se também que a metodologia adotada é uma via para a operatividade dos três pilares que estruturam a ACC ADM455. Quanto à sistematização e socialização da experiência pretendida para ir além dos relatórios apresentados, propunha-se a comunicação científica da experiência vivida em parceria com alunos e comunidade, caso houvesse interesse e viabilidade para a submissão de trabalhos científicos. Desse modo, em ambos semestres foi aberta a possibilidade da escrita conjunta com monitor, estudantes e professores participantes. Não havendo uma disponibilidade efetiva, a Profa. Ana Décia, junto com a Profa. Tereza Oliveira, apresentou comunicação em 2008 no Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE) realizado FAGED/UFBA e continua empreendendo esforços a partir da pesquisa no Grupo de Avaliação da FAGED/UFBA, de projetos no Programa Permanecer/UFBA, entre outras iniciativas, com o fim de integrar o ensino, a pesquisa e a extensão no curso de Secretariado Executivo da UFBA.

ALGUNS DOS RESULTADOS PERCEBIDOS

Dentre os resultados alcançados destacam-se autogestão, desenvolvimento de habilidades de comunicação e relacionamento, convivência com o novo, a autonomia, gestão e monitoramento de processos como sendo as competências principais aprimoradas pelos estudantes e monitor. Por outro lado, há uma nova compreensão acerca do diálogo interdisciplinar e das potencialidades de que são capazes de coordenar e empreender os atores da cena do Secretariado Executivo, tanto no ambiente empresarial quanto acadêmico-científico e comunitário no tocante à gestão.

A validação da experiência por parte das instituições comunitárias e acadêmicas e pelos estudantes envolvidos (alguns matriculados dois semestres consecutivos nesta ACC) mostrou a pertinência de manter a proposta, pois as etapas de projeto, concepção, organização, execução, avaliação do evento são realizadas por todos e suas percepções compõem o relatório final da coordenação, configurando a autonomia e a emancipação dos estudantes a partir das práticas da adotadas na ACC no diálogo interdisciplinar entre as diversas áreas.

Os desdobramentos na formação cidadã e na ocupação profissional verificam-se com a geração de conhecimentos e nos depoimentos que marcam o efetivo envolvimento na atividade sob a ótica dos estudantes, da coordenação (professora e monitora) e da comunidade beneficiada (gestores e professores da escola comunitária e alunos assistidos).

Dentre as dificuldades verificadas incluem-se o descompasso com o calendário regular de matrícula na UFBA, gerando indisponibilidade dos estudantes; e a insegurança quanto à disponibilidade de recursos financeiros no prazo, por vezes, comprometendo o calendário de atividades assumido com a comunidade, requerendo que o docente antecipe os recursos pessoais para não comprometer a ação, além de a extensão ainda gozar de um lugar menos prestigiado que a pesquisa no interior da universidade.

ESBOÇO DE CONCLUSÕES

O relato, descrito ao longo deste texto, compartilha a forma singular com que professora e estudantes do curso de Secretariado Executivo da UFBA e de outras graduações realizaram a ACC e foram capazes de produzir novas relações e significados na experiência vivenciada onde se consolidou a concepção de evento na perspectiva da mobilização social de Toro e Werneck (2007). Adotar essa perspectiva na área de Secretariado representa uma ampliação de horizontes conceituais sobre tipos e fins dos eventos (SANTOS, 2006).

Esta trajetória percorrida pelo curso de Secretariado no estabelecimento da extensão universitária delinea uma teia complexa de relações percebidas e vividas nas comunidades em que atuaram partir da compreensão de problemas sociais reconhecidos. Tal experiência teve ressonâncias na vida de cada estudante, seja na universidade, na organização onde desenvolvem seus estágios curriculares ou trabalham, na reflexão sobre seu país de origem, ou apenas na vida pessoal que se vê refletida, por vezes, nesse mesmo universo material e simbolicamente inseguro, temeroso, penetrado sob o sagrado manto da universidade.

Conviver nessas comunidades, mesmo que transitoriamente, vestidos com a camiseta do Programa ACC/PROEXT/UFBA, cria momentaneamente a ilusão de uma “blindagem”, de superpoderes que, se não são capazes de dar conta da transformação do cenário de desigualdades sociais perversas, ao menos dele pode se aproximar e tentar compreendê-lo para compreender melhor a si próprio e à sociedade que também atua na configuração e perpetuação dessas situações descritas e vividas.

Não seria esse percurso um passo para uma formação e ocupação profissional cidadãs? Não seria esse um dos muitos caminhos para a instituição de políticas inclusivas na formação superior ao invés de se prestigiar mais algumas formações (ligadas à concepção?) em detrimento de outras (marcadas pela execução?), aumentando ainda suas distâncias epistemológicas? A que outras políticas poderia estar aberta a universidade para consolidar o ensino, a extensão e a pesquisa na área secretarial são desafios não apenas para esta autora, mas para os que estão comprometidos com a qualidade da educação superior no Brasil.

REFERÊNCIAS

ACC ADM455. Relatório Final – 2008.1 e 2008.2. Salvador: UFBA, 2008.

UFBA. Convocatória 2007.2. Salvador: UFBA/ACC, 2007. (digitado).

UFBA em campo II: uma experiência de articulação ensino/pesquisa e sociedade. Salvador/BA: UFBA, 2001.

ARMANI, Domingos. Como elaborar projetos? Guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. 96p.

DÉCIA, Ana Cristina Muniz; OLIVEIRA, Tereza Cristina de. O itinerário para consolidar a extensão em secretariado/UFBA: do Permanecer a ACC. In: SIEPE/UFBA. Salvador, 2008.

DÉCIA, Ana Cristina Muniz. *A Information Literacy na formação do neo-secretário executivo*: um estudo de caso da Graduação em Secretariado/UFBA/Ana Cristina Muniz Décia, Salvador: ICI/UFBA, 2005. (Dissertação de Mestrado). Digitado.

GAYOTTO, Maria Leonor Cunha (org.). Trabalho em grupo: ferramenta para a mudança. Petrópolis: Vozes, 2001.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livro Editora, 2008. 136p.

MESQUITA Filho, Alberto. Integração ensino-pesquisa-extensão. Disponível em: <http://www.ecientificocultural.com/ECC2/artigos/epe.htm>. Acesso em 03 de Junho de 2006.

SANTOS, Luzmair de Siqueira. Manual de eventos. Brasília/DF: Embrapa, 2006. 146p.

TORO, Bernardo C; WERNECK, Nísia Maria Duarte. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação, 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 104p.